Imagens da devoção nacional em retábulos do Baixo Tâmega e do Vale do Sousa

Images of national religious practice in altarpieces of the Baixo Tâmega and the Vale do Sousa

José Carlos Meneses Rodrigues

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/330>

DOI: 10.4000/cultura.330

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2010

Paginação: 25-39

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

José Carlos Meneses Rodrigues, « Imagens da devoção nacional em retábulos do Baixo Tâmega e do Vale do Sousa », *Cultura* [Online], Vol. 27 | 2010, posto online no dia 07 agosto 2013, consultado a 07 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/330> ; DOI : 10.4000/cultura.330

Imagens da devoção nacional em retábulos do Baixo Tâmega e do Vale do Sousa

José Carlos Meneses Rodrigues*

Introdução

São de Portugal todos os santos que se ligaram a ele pelo nascimento, pela morte ou pela presença de relíquias. Acrescentam-se três novos critérios de apropriação de santos: o “nascimento espiritual” (baptismo), a dignidade (ter exercido uma função eclesiástica no território) e a habitação (Rosa, 2000, 339).

Consideram-se ainda as fronteiras históricas: os santos da antiga Lusitânia, os da Galiza (sujeita espiritualmente a Braga) e os de todas as conquistas ultramarinas portuguesas. Além dos santos canonizados, dos beatos e dos mártires, têm lugar as pessoas *de esclarecida virtude, e acreditadas no céu com maravilhas, e as de conhecida e exemplar vida, dignas de se proporem para imitação* (Rosa, 2000, 339), linhas assertivas igualmente seguidas por Neves (2006).

A nossa lista de catorze santos *portugueses* resulta do cruzamento das informações de Neves (2006, 259-262), Rosa (2000, 336-338) e Valadares (2001, 126): *São Vicente, São Pantaleão, São Veríssimo, São Frutuoso, Santo Ovídio, Santa Iria, Santa Quitéria, Santa Comba, São Teotónio, Santo António, São Gonçalo, São João de Deus, São Francisco Xavier, Frei Gonçalo Dias de Amarante*.

Seguimos a taxonomia de Neves (2006, 25) para abordar o quadro genérico da santidade em Portugal, para a qual apontamos ainda alguns elementos sobre a especificidade portuguesa (Daix, 231): *i)* grande época da santidade – fase do esforço da missão pós-tridentina; *ii)* esmagadoramente do género masculino; *iii)* fora de Portugal; *iv)* preponderância de jesuítas, entre os beatos; *v)* depois de São João de Brito (+1693) não teria ocorrido qualquer beatificação de um português.

Depois de uma abordagem teórica sobre a hagiografia, a iconografia, ou seja, os percursos da santidade em Portugal, guardámos a última parte para tratar as especificidades no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa (Amarante, Felgueiras, Marco de Canaveses e Penafiel).

* Associação Portuguesa de Historiadores da Arte.

1. Antes da nacionalidade: o tempo dos mártires e bispos

São Vicente [Fig. 1], São Pantaleão, São Veríssimo [Fig. 3], São Frutuoso [Fig. 2], Santo Ovídio [Fig. 4], Santa Iria, Santa Quitéria [Fig. 5] e Santa Comba

Alguns santos mais notáveis dos caminhos portugueses de Santiago coincidem com a lista que propomos para a nossa proposta de trabalho.

Na diversidade dos milagres (Marques, 2006, 260), é evidente a presença de casos de curas de possessões diabólicas, de acalmia de tempestades marítimas, salvamento de perigos de naufrágio, salvamento de torrentes fluviais, curas de doenças do foro neurológico, incluindo casos de loucura, de cegueira, surdez, paralisias, cancro, feridas crónicas, tumores cerebrais, ruptura da coluna, etc.

À construção de um espaço sagrado específico – Lisboa libertada pelos mártires para a recristianização –, irá colocar-se como pedra-de-toque o culto a São Vicente que, para além de ser um dos mais prestigiados mártires hispânicos, gozava de grande difusão europeia, em termos de culto (Rosa, 2000, 336).

Luís Kruz (citado por Rosa, 2000, 336) sintetiza:

O corpo [de São Vicente] é recuperado em plena Reconquista. Tal como antes acontecera com S. Tiago, em relação à Galiza, também S. Vicente se exila por mar em terras cristãs. Foge do espaço profanado pelo Islão e restitui-se aos fiéis, oferecendo-lhes as suas relíquias, os

1. São Vicente
2. São Frutuoso
3. São Veríssimo

4. Santo Ovídio

5. Santa Quitéria

seus poderes taumatúrgicos. Percorrendo um itinerário marítimo inverso ao dos invasores da Cristandade, profetiza um retorno vitorioso, simbolizado pelo seu próprio nome.

São Vicente (Marques, 2006, 252-254), muito mais antigo do que São Frutuoso e São Geraldo, só passou a ser venerado, em Lisboa, depois de reconquistada, em 1147. Sabe-se que, de Valência, onde era cultuado, para o preservar da fúria devastadora de Abderramão, o seu corpo foi levado para o Cabo a que deu o seu nome, onde alguns cristãos lhe levantaram uma capela e continuaram a prestar-lhe culto.

A transferência das suas relíquias para Lisboa deve-se a D. Afonso Henriques, em 1173, tendo acabado por ficar à veneração dos fiéis na Sé. O incremento do culto vicentino em Lisboa encontrou grande receptividade no povo de Lisboa e até em localidades muito afastadas, inclusive além-fronteiras, como a descrição de alguns milagres revela, tendo o sínodo de Lisboa de 1240 determinado que os párocos orientassem os fiéis a visitarem anualmente as relíquias de São Vicente, prestando-lhes a honra e homenagem devidas (*Idem*, 253).

A casuística taumaturga tem referência explícita à cura de paralisias, cegueira, surdez, doenças neurológicas, libertação da pressão ou mesmo possessão diabólica e outros. Exemplos (*Idem*, 253-254): *i*) o da cura de uma jovem em idade núbil, que ficou louca, tendo sido feitas veementes súplicas por ela a São Vicente, recuperando o juízo e a voz que tinha perdido; *ii*) uma criança de três anos deformada e sem fala foi curada de repente; *iii*) uma menina de oito anos possuída do demónio, levada ao túmulo de São Vicente pelos pais, é

curada; iv) a cura do calceteiro coxo, que se arrastava apoiado sobre as mãos, e do cego que estava à porta da cidade, que dava para o Lumiar; v) espectacular é a cura do homem de Lugo, pai de um presbítero e um diácono que morreram queimados num incêndio; face a esta tragédia ficou transtornado e cego, mas, aconselhado a ir a Lisboa ao túmulo de São Vicente, ficou curado e recuperou a vista.

São Frutuoso, abade e bispo de Dume, arcebispo de Braga na sua última fase, falecido em 665 (provavelmente), destaca-se pela sua acção como fundador de elevado número de mosteiros (treze, onde se inclui o de Montélios, Braga), alvo e centro da devoção de fiéis, que, atraídos pela fama dos seus milagres, continuaram a acorrer a Montélios após a sua morte (*Idem*, 249-250).

Sintetizemos alguns milagres (*Idem*, 250): i) corça perseguida por caçadores e cães, protegida sob o seu hábito, ficando a dever-se-lhe o perdão e a saúde do jovem que matou a corça; ii) graça recebida durante uma travessia da Lusitânia para a Bética, libertando da morte por afogamento um jovem que conduzia o cavalo carregado com os seus códices; ambos arrastados por violento redemoinho, verificaram que os códices estavam secos; iii) barca salva de naufrágio iminente, atingida por violenta tempestade, conseguindo a suspensão das chuvas torrenciais.

Associado ao culto dos santos, encontra-se o das relíquias que o Concílio de Trento, na sessão XXV, de 3 de Dezembro de 1563, declarou solenemente dignas de serem veneradas, não se aceitando uma nova relíquia sem aprovação do bispo (Marques, 2000, 2, 359).

A abundância de relíquias em circulação e a sua apetência em tempos modernos percebem-se desmesuradas, o que faz duvidar a autenticidade de muitas na posse dos fiéis dos templos e oratórios privados. Perante a ganância e o lucro na sua aquisição, os menos escrupulosos aproveitavam-se, sem recuar perante o roubo, a falsificação e o comércio. Narram as crónicas que o crânio venerado em São Frutuoso foi roubado para a Galiza em 1540, mas a relíquia de *tanta consolação* para os fiéis *voltaria milagrosamente ao seu lugar em Constantim de Panóias, onde passaria a ser guardada num nicho com grades douradas* (*Idem*, 364).

São Pantaleão: médico e mártir do século III, de Nicomedia, as suas relíquias são trazidas, no século XV, para o Porto por cristãos arménios, fugidos dos conquistadores muçulmanos do sultão Maomet III, onde é elevado à condição de padroeiro da diocese, em condições semelhantes às de São Vicente. Perdido o rasto das suas relíquias, na Sé do Porto, em 1981 deixa de figurar como padroeiro da diocese (Neves, 2006, 63).

Como santo do Oriente, é apresentado no século IV, curando os doentes em nome de Cristo (Tavares, 2001, 118), não sendo nomeado em Daix (1996, 229-230). Socorremo-nos daqueles autores (Neves, 2006; Tavares, 2001; Daix, 2000; Rosa, 2000) para uma breve abordagem hagiográfica a outras figuras.

São Veríssimo, Máxima e Júlia, leigos e mártires, com nascimento e morte em Lisboa, no século III, considerados os primeiros de Lisboa (Neves, 2006, 67-68). A actual igreja de Santos-o-Velho, Lisboa, reconstruída após o terramoto de 1755, mantém a devoção no local dos três mártires, resumindo o culto aos irmãos a veneração a todos os mártires lisboetas das perseguições romanas.

Santo Ovídio, bispo de Braga, século I, cidadão romano de grande erudição; martirizado quando era bispo, com a probabilidade de sepultura na Sé de Braga. Santa Iria ou Irene, virgem e mártir; nasce e morre em Tomar, no século VII; padroeira de Santarém e de Tomar.

Santa Quitéria, de Coimbra, irmã de Santa Vilgeforte, é decapitada pelo pai.

Santa Comba, virgem e mártir em Coimbra, sepultada no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Refiram-se várias santas com o nome de Combas em Portugal (Alentejo, Coimbra, Dão, Trás-os-Montes); algumas são versões portuguesas de santas em Sens (França) e em Córdova (Espanha).

2. Portugal nasceu e cresceu cristão (1143-1500)

São Teotónio [Fig. 6], Santo António [Fig. 7] e São Gonçalo [Fig. 8]

Ao avanço da Reconquista e ao apoio ideológico de Santa Cruz de Coimbra, irá corresponder um dinamismo religioso muito específico. Feito de um entusiasmo evangelista, apropriação de cultos moçárabes e espírito de cruzada, tem a sua expressão hagiográfica nos textos do cenóbio crúzio coimbrão, em torno de figuras como São Teotónio, São Martinho de Soure, São Vicente, o cavaleiro Henrique (Rosa, 2000, 346).

6. São Teotónio

7. Santo António

8. São Gonçalo

São Teotónio (Marques, 2006, 255-256), pertencendo aos santos de Coimbra, natural de Valença, é convidado a integrar os Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, de que foi o primeiro prior, abandonando, definitivamente, o projecto de regressar à Terra Santa e acabar os seus dias junto do Santo Sepulcro.

A sua vida é coroada com o dom dos milagres, especialmente a cura da possessão diabólica, curando o monge inglês Samuel, expressamente trazido ao mosteiro de Santa Cruz, o mesmo tendo feito com dois religiosos da sua comunidade, de que imperiosamente expulsou o demónio. Um recebimento festivo digno de menção foi o da relíquia de São Teotónio, natural de Ganfei, Valença, ida de Santa cruz de Coimbra, em 1643, para Viana do Minho, sendo esperada em Darque com grandes festas também de teor profano (Marques, 2000, 2, 359).

No segundo grande período medieval – identificação do País, entre nós –, as grandes figuras vão de Santo António aos membros das novas ordens, São Gonçalo de Amarante, entre outros, os leigos Isabel d’Aragão, Santa Joana... (Rosa, 2000, 346).

A determinação sinodal (Marques, 2000, 637) de 1447: D. Luís Pires, arcebispo de Braga não esqueceu a representação das imagens, ao indicar a hierarquia, a roupagem e os símbolos, meios didácticos atendendo ao analfabetismo dos crentes.

Com as ordens mendicantes, São Domingos e São Gonçalo de Amarante, São Francisco de Assis e Santo António de Lisboa verão os seus cultos e imagens incrementados por dominicanos e franciscanos (*Idem*).

A cristianização das festas pagãs do solstício de Verão consagra a popularidade de São João, São Pedro e Santo António, o santo português de maior predilecção, advogado das coisas perdidas e protector dos gados para a gente do campo (*Idem*, 641-642).

O século XVIII (Azevedo, 2001, 414) acentuou o gosto de temas místicos, de aparições e de visões, usados nos sermões e nas leituras espirituais, destacando-se Santo António de Lisboa, cuja iconografia se reflecte profundamente nos ciclos de azulejos (São Francisco de Guimarães) ou séries de 24 pinturas, como a da capela do santo no Convento da Madre de Deus (André Gonçalves, 1750/1760) ou da capela de Lagos.

Santo António é conhecido nas representações de cónego regrante de Santa Cruz e de franciscano. Aparece num exemplar único vestido de doutor coimbrão, numa escultura do século XVIII, da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, Lamego (*Idem*, 414).

3. A evangelização das terras achadas (1500-1899)

São João de Deus e São Francisco Xavier

O culto dos santos, na Idade Média, foi adquirindo um sólido fortalecimento na piedade cristã, alargando-se os oragos das freguesias em ombreio com Nossa Senhora. Mas a ignorância, a rudeza, a permanência de crenças pagãs e supersticiosas e a proliferação de representações iconográficas agravaram o desvirtuamento de um meio pedagógico para o pastoreio das almas.

A crítica erasmiana e a ruptura luterana reclamam o regresso ao purificador evangelismo primitivo. A presença esmagadora dos mártires São Paio, Santa Eulália, São Mamede, Santa Marinha, Santa Bárbara, Santa Luzia, São Vicente... deve juntar-se à dos apóstolos São Paulo, São Tiago e São Tomé (Marques, 2000, 636-637).

O combate ao profano e herético é visível nas Constituições de 1591 (Coimbra), onde o rigor censório vai repercutir-se sobre a herança iconográfica pela meia-idade e pelo renascimento. A arte medieval conheceu figuras desnudas – morte de Cristo e martírio de alguns santos: São Sebastião, São Vicente, Santa Eulália... (*Idem*, 640).

De fins do século XVI até inícios do século XVIII, tornam-se nítidos três grupos (Rosa, 2000, 346): *i*) os mártires da evangelização (Japão, Brasil, Achém... Gonçalo Garcia), em boa parte jesuítas; *ii*) as princesas-freiras (Teresa, Sancha, Mafalda, Joana); *iii*) e os grandes organizadores (Bartolomeu dos Mártires, João de Deus). São outras tantas características de base do cristianismo pós-Trento.

Uma tentativa hagiográfica cuidada para esta época (*Idem*, 334) pertence a Aires Gameiro e diz respeito a São João de Deus: *Instável e Santo. Tentativa de Análise Psicológica* (1978). Enquadra-se a conversão de João Cidade numa *crise de vida*, surgida aos quarenta anos na sequência de angústia e depressão.

De início, a crise é plena de aspectos destrutivos, levando ao internamento de João: a sua resolução é positiva, tomando a forma de conversão religiosa. A sua santidade resume-se assim: *João de Deus tornou-se santo por ter conseguido harmonizar os seus impulsos e aspirações com uma grande dose de satisfação e motivações cristãs ao serviço dos homens que de ajuda precisavam* (Gameiro, citado por Rosa, 2000, 334).

Na Idade Moderna, irrompe a imaginária de vulto, nos altares e nos retábulos de talha. Cristo, a Virgem e os oragos pontificam, seguindo as prescrições tridentinas.

Na piedade dos fiéis, continuam com lugar proeminente os fundadores das ordens religiosas e protectores contra as calamidades (peste, fome e guerra). O povo reserva grande devoção a São Martinho, São Sebastião, São Tiago, São Bento, São Brás, São Francisco e São Vicente, entre outros (Marques, 2000, 641).

O período da Restauração foi um momento crucial de uma nova mobilização dos santos do País em torno da defesa da independência (Rosa, 2000, 340).

Na prova do martírio, as missões além-mar tornaram-se no espaço ideal para as vocações juvenis. Os 39 companheiros do beato Inácio de Azevedo, mortos em 1570, nos mares das Canárias, às mãos de corsários franceses, navegavam para as missões do Brasil; São João de Brito (1647-1697), pajem de Afonso VI, vestiu a roupeta da Companhia de Jesus e partiu para o Malabar, em 1662 (Marques, 2000, 644).

A Companhia de Jesus, entregue ao ensino, à assistência e ao apostolado junto das elites sociais e poderes políticos, burguesia e povo, pregação e missão, passou logo a contar com o santo fundador e São Francisco Xavier (1506-1552), o evangelizador do Oriente e considerado o segundo São Paulo; foram canonizados em 1662, pretexto para os apoteóticos festejos que os jesuítas de São Roque organizaram em Lisboa, em 1671 (*Idem*, 646).

A *interferência* espanhola (Rosa, 2000, 346) é um fenómeno específico do quadro português, na diáspora dos impérios: a canonização da Rainha Santa, e a abertura de processos para Gregório Lopes, Gonçalo Dias de Amarante, António de São Pedro, todos com fama de santidade na América espanhola, em quadros de errância prévia.

No século XVIII pontificam as grandes figuras dos oratorianos: Bartolomeu Quental e José Vaz (*Idem*, 347); o perfil é o do organizador com forte pendor intelectual: as freiras místicas e *profetisas* Maria do Lado, Teresa da Anunciada, Maria Custódia do Santíssimo Sacramento. É um século que se caracteriza por um enorme número de confirmações de culto, com as ordens tradicionais a tentarem recuperar o prestígio.

Relativamente à iconografia dos santos, aparecem novas figuras, canonizadas dentro dos novos modelos a difundir (Teresa d'Ávila, Inácio de Loiola, São Francisco Xavier, São João Nepomuceno) (Azevedo, 2001, 413).

Os jesuítas beneficiarão de um pintor próprio, Manuel Henriques (1618-1654), que passou a vida a encher os colégios onde viveu de painéis de figuração arcaica, relativos à vida de Santo Inácio, de São Francisco Xavier, de martírio de padres do Oriente (*Idem*).

O percurso iconográfico de São João de Brito (*Idem*, 414) foi traçado por Costa Lima, que, de modo singelo, já tinha divulgado o conhecimento da iconografia assuncionista.

Os esquemas iconográficos dos séculos XVII e XVIII mantiveram-se durante o século XIX (*Idem*, 414-415). A crise oitocentista produziu painéis e multiplicou esculturas de santeiros, que raramente saem da vulgaridade. Episodicamente, pintores como Joaquim Rafael (1783-1864), José de Brito (1855-1933) e até Columbano (1855-1933), que pintou *Aparição do Menino a Santo António* (1898), intervieram com representações de inegável interesse iconográfico.

O dealbar da I Guerra Mundial recentra na Europa as atenções, e a grande figura é o Santo Condestável. Com a excepção de São João de Brito, os santos do Império ficam ao cargo dos novos países, e não mais possessões portuguesas (Rosa, 2000, 347).

4. Portugueses a caminho dos altares?

Frei Gonçalo Dias de Amarante [Fig. 9]

Nasce na Folhada, Marco de Canaveses (1548); morre no Peru, 1618. Pouco conhecido na terra onde nasceu, é venerado nas terras que evangelizou.

A *interferência* espanhola (Rosa, 2000, 346), no século XVII, é um fenómeno específico do quadro português, na diáspora dos impérios: a canonização da Rainha Santa e a abertura de processos para Gregório Lopes, Gonçalo Dias de Amarante, António de São Pedro, todos com fama de santidade na América espanhola, em quadros de errância prévia.

9. Frei Gonçalo Dias de Amarante

5. Santos portugueses no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa

Não tivemos a preocupação de identificar as imagens actuais com as de 1726 e 1758, funcionando apenas os nomes como objectivo na busca de uma permanência devocional que se revê nos locais de origem (como oragos e invocações de altares) e na mobilidade interna dos templos. Restará tal identificação para outra investigação. O *Quadro I* não constitui um cenário exaustivo das informações de autores que têm trabalhado a área devocional; serve, igualmente, de guião para investigação ulterior. Os atributos e o calendário santoral espelham os contributos de várias épocas (inclusive o *martirólogo* de 1590, de padres jesuítas, na qualidade de primeira sistematização nacional impressa).

Quadro 1 – Atributos dos santos no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa

Santos no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa (Rodrigues, 2004)	Atributos (Neves, 2006; Tavares, 2001; Daix, 2000)	Calendário Santoral (Rosa, 2000; Neves, 2006; Tavares, 2001; Croiset, 1923)
António	Burro ajoelhado diante da hóstia; chamas na mão; crucifixo; livro; Menino Jesus em visão mística; pão trazido por corvo; com um saco de pão; Santo António dos Pobres representado como crúzio (Caramos, Felgueiras; Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses); ou como menino de Coro (Sé do Porto). Variantes: diaba (mulher sedutora); Menino Jesus num feixe de luz; Menino Jesus sentado num livro; peixes escutando o sermão; sineta; flor-de-lis.	13 de Junho
Comba	Crivada de setas.	31 de Dezembro
Francisco Xavier	Coração inflamado trespassado com flechas; crânio (penitência); crucifixo; índios; com uma vieira (usada para baptizar os índios). Variantes: crucifixo pressionado junto do coração; caranguejo com crucifixo, aos pés.	3 de Dezembro
Frutuoso	Mitra e báculo.	16 de Abril
Gonçalo	Hábito de dominicano; livro; báculo e maqueta de ponte.	10 de Janeiro
Gonçalo Dias de Amarante	Hábito da Ordem Real e Militar de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos ou, mais simplesmente, Ordem de Nossa Senhora das Mercês.	----
Iria ou Irene	Boião de farmácia ou caixa de unguentos (que curou as feridas a São Sebastião); cavalo ditado; ramo de oliveira.	20 de Outubro

João de Deus	Assistência e caridade; vestes de franciscano. Corda de penitente; coroação de espinhos; crucifixo; doentes a serem cuidados; granada com cruz sobreposta; com um menino moribundo nos braços. Variante: com pão nos braços.	8 de Março
Ovídio	Representado como Bispo, ou como clérigo com barrete circular. Mão direita a apontar para o ouvido.	3 de Junho
Pantaleão	Despido, agarrado a um tronco de oliveira, com as duas mãos, uma sobre a outra, pregadas ao topo do crânio. Como médico: um cravo, alusão ao suplício, uma espátula de medicina, uma caixa de unguentos e uma pequena cruz.	27 de Julho
Quitéria	Cabeça nas mãos; cão raivoso, aos pés, com a língua de fora, ou um dragão encadeado (e heresia). Também com livro e palma.	22 de Maio
Teotónio	Abade, báculo e mitra aos pés (alusão à renúncia do bispado de Viseu); um globo celeste na mão. Representado como crúzio.	18 de Fevereiro
Veríssimo	Palma, resplendor.	1 de Outubro – Santos Veríssimo, Máxima e Júlia
Vicente	Jovem diácono ou “levita”. Mó, grelha com puas, instrumentos da sua tortura, um corvo, um modelo de navio, um cacho de uvas; ocasionalmente, uma tesoura de poda e um podão, e mão sobre um pipo de vinho.	22 de Janeiro

Os *Gráficos 1-4* prestam melhor serviço de leitura no posicionamento da sub-região em apreço: 184 igrejas e capelas em Amarante (58), Felgueiras (31), Marco de Canaveses (45) e Penafiel (50).

As referências encontradas em 1726 e 1758 – oragos, invocações e colocação retabular – evidenciam Santo António [Fig. 7] e São Gonçalo [Fig. 8] (antes do padroado), Santa Quitéria [Fig. 5] e São Frutuoso [Fig. 2] (pré-nacionalidade) – visibilidade evidenciada no *Gráfico 1*.

Gráfico 1. Referências 1726-1758

Nos oragos (*Gráfico 2*), mais um lugar destacado para Santo António nas capelas (6), seguindo-se São Vicente [Fig. 1] (3 – Pinheiro e Irivo, Penafiel; Sousa, Felgueiras; presentes no retábulo-mor, no lado do Evangelho, excepto em Sousa, colocado na capela-mor, sendo substituído por São Pedro); São Veríssimo [Fig. 3] (2 – São Veríssimo, Amarante (na sacristia) e Lagares, Felgueiras); a São Gonçalo, Amarante (capela-mor) e a Santa Comba, Regilde, Felgueiras (retábulo-mor), cabe uma presença a cada uma.

Três santos são da pré-nacionalidade (São Veríssimo, São Vicente e Santa Comba) e dois do período anterior ao padroado (Santo António e São Gonçalo). Nas invocações de altares, Santo António (22), São João de Deus e Santa Quitéria (dois cada), São Frutuoso e São Gonçalo (um cada) são os privilegiados.

A presença das imagens nos retábulos é assinalada no *Gráfico 3*: os retábulos colaterais são preferidos (54) aos retábulos-mores (28) e aos laterais (12). Reconhecemos a sua importância nestes espaços nobres do espaço sagrado mas, em posições secundárias, quer nos mores, quer nos colaterais, isto é, acompanhantes das invocações e dos oragos.

Gráfico 2. Oragos e invocações

Gráfico 3. Frequência retabular

Gráfico 4. Disposição retabular

Santo António e São Gonçalo são os únicos que têm colocação nos retábulos-mores, nos colaterais e nos laterais (*Gráfico 4*). O primeiro nos colaterais (37), mores (14) e laterais (10); o segundo nos colaterais e laterais, em paridade (7), confirmando-se a predominância dos colaterais, já patente no *Gráfico 3*.

A variação dos restantes santos, nos mores (1-3), revê-se como oragos (*Gráfico 2*) e com colocação secundária – São Frutuoso, São João de Deus, São Pantaleão, Santa Quitéria e São Teotónio [*Fig. 6*].

Conclusão

No universo encontrado – São Vicente, São Pantaleão, São Veríssimo, São Frutuoso, Santo Ovídio, Santa Iria, Santa Quitéria e Santa Comba; São Teotónio, Santo António e São Gonçalves; São João de Deus e São Francisco Xavier; e São Gonçalves Dias, Santo António e São Gonçalves – são as figuras medievais predominantes enquanto a pré-nacionalidade se direcciona para São Vicente e São Veríssimo. Estamos numa área geográfica de talha e imaginária periféricas, onde os atributos com frequência se encontram incompletos ou adulterados pela repintura. As imagens existentes nos locais de origem (34) e a mobilidade interna nos templos (29) inscrevem-se num quadro positivo, já que o desaparecimento é inferior (26). A sua salvaguarda cabe aos investigadores, aos párocos, aos conservadores e restauradores, às instituições, aos cidadãos, na generalidade. Identificar as devoções nacionais tornava-se uma tarefa facilitada em termos quantitativos; a opção pelas *portuguesas* tornou-se numa motivação a consolidar posteriormente.

Bibliografia

- AZEVEDO, Carlos (2001), *Iconografia Religiosa*, in “Dicionário de História Religiosa de Portugal”, Dir. de Carlos Azevedo, Rio de Mouro, C. de Leitores SA e Centro Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Apêndices, pp. 406-416.
- DAIX, Georges (1996), *Dicionário dos Santos do Calendário Romano e dos Beatos Portugueses*, Lisboa, Terramar.
- MARQUES, José (2006), *Os Santos dos Caminhos Portugueses*, in “Revista da Faculdade de Letras – HISTÓRIA”, Porto, III Série, vol. 7, pp. 243-262.
- MARQUES, João Francisco (2000), *Oração e Devoções*, in “História Religiosa de Portugal”, Dir. de Carlos Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA e Autores, vol. 2, pp. 636-650.
- MARQUES, João Francisco (2000), *Os Itinerários da Santidade: Milagres, relíquias e devoções*, in “História Religiosa de Portugal”, Dir. de Carlos Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA e Autores, vol. 2, pp. 359-365.
- NEVES, João César das (2006), *Os Santos de Portugal*, Estoril, Lucerna.
- RODRIGUES, José Carlos Meneses (2004), *Retábulos no Baixo Tâmega e no Vale do Sousa (Séculos XVII-XIX)*, Porto, FLUP, Dissertação de Doutoramento, vol. III (policopiado).
- ROSA, Maria de Lurdes (2000), *Hagiografia*, in “Dicionário de História Religiosa de Portugal”, Dir. de Carlos Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores SA e Autores, pp. 326-359.
- TAVARES, Jorge Campos (2001), *Dicionário de Santos*, 3.^a edição, (s.l.), Lello Editores.